

## Trabalho Voluntário, Piedoso e Religioso e “Venire contra factum proprium”

**Autore:** Jose Geraldo da Fonseca

**In:** Diritto civile e commerciale

A expressão latina “nemo potest venire contra factum proprium” significa, grosso modo, “ninguém pode contrair (ir contra) o próprio fato”, isto é, não pode se obrigar a alguma relação bilateral no comércio jurídico e, sem razão fundada, desdizer-se, ir contra as primeiras declarações que, prestadas sponte propria, geraram na contraparte uma expectativa legítima de que as coisas seriam cumpridas talqualmente combinadas. O venire quebra a boa-fé objetiva, e se aplica, às inteiras, ao contrato de trabalho, cujo elemento imaterial é justamente a fidúcia, isto é, a confiança que uma parte deposita nas reais intenções da outra.

São comuns no foro trabalhista ações pretendendo o reconhecimento jurídico do vínculo de emprego de **voluntários** ou de pessoas ligadas a **entidades filantrópicas, beneficentes, religiosas** ou **assistenciais** por **vínculo social** ou **religioso**. O trabalho **voluntário**[1] refoge ao âmbito do direito do trabalho. Entende-se por **voluntário** todo trabalho **não remunerado** prestado por pessoa física a **entidade pública** de qualquer natureza, ou a instituição privada **sem fins lucrativos**, que tenha **objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos** ou de **assistência social**. Já que ausente a onerosidade (remuneração), a lei não estipula se no trabalho voluntário deve ou não haver **subordinação jurídica**. O trabalho voluntário é prestado às **políticas públicas** ou sociais em atenção à **família**, à **maternidade**, à **infância**, à **adolescência** e à **velhice**, assim como a pessoas portadoras de **necessidades especiais**, à **criança** e ao **adolescente carentes** e aos **programas de assistência educacional** ou de **saúde gratuitos**. Não gera vínculo de emprego[2] nem acarreta qualquer obrigação de natureza trabalhista, tributária ou previdenciária ao tomador desses serviços. As despesas que o prestador do serviço voluntário comprovadamente tiver contraído no desempenho do serviço voluntário devem ser **ressarcidas**[3], o que evidentemente não tem natureza jurídica de salário. O trabalho voluntário é em tudo semelhante ao trabalho normal, com pelo menos três peculiaridades: é gratuito, exercido sem subordinação jurídica e a prazo certo. Não configura contrato de trabalho porque o contrato individual de trabalho é o acordo tácito, ou expresso, que corresponde à relação de emprego[4]. Sendo expresso, pode ser escrito ou verbal. Se tácito, as partes efetivamente não combinam o contrato, mas comportam-se de tal modo na execução de suas cláusulas espontâneas que a lei, **a priori**, diz que aquele comportamento deve ser interpretado como um autêntico contrato de trabalho. Depura-se o conceito de contrato de trabalho do exame dos conceitos de empregador e de empregado[5]. Empregador é a empresa (atividade), individual ou coletiva que, assumindo os riscos da atividade econômica, admite, assalaria e dirige a prestação pessoal dos serviços. Empregado é a pessoa física que presta serviços **salariados** e **não-eventuais** juridicamente **subordinados** a outra pessoa física, formal ou jurídica. Para

que o trabalho voluntário não abra portas à fraude, a lei exige assinatura de um **termo de adesão** entre a entidade pública ou privada e o prestador do serviço voluntário[6]. Esse termo **não** configura **contrato de trabalho**. Abstraídas as hipóteses de fraude, o trabalho tipicamente voluntário não se iguala à prestação de serviços subordinados porque é **gratuito**, não exige **subordinação jurídica** e é sempre a **prazo certo**. O prestador do serviço **voluntário** sabe, desde o início, que a prestação do serviço voluntário **não gera** vínculo de emprego porque isso consta da própria lei do serviço voluntário porque as condições em que é prestado em nada se assemelham àquelas de um empregado em sentido estrito.

A despeito disto, ações trabalhistas pretendendo o reconhecimento de vínculo na hipótese de trabalho voluntário são comuns. É sobremodo evidente que o sedizente empregado, ao residir em juízo reclamando vínculo de emprego e indenização do “contrato”, pela CLT, contraria o fato próprio (“venire contra factum proprium”), pois quebra a **confiança legítima** da entidade contratante de que, tendo se comportado na assinatura do **termo de adesão** de trabalho voluntário com absoluta **transparência**, poderia razoavelmente esperar que o prestador do **serviço voluntário** não a demandasse posteriormente, pondo sob suspeição justamente todas aquelas certezas jurídicas que, com **correttezza**, deu ao tomador do trabalho voluntário no momento da adesão. Dito de outra forma, a **conduta inicial** do ente tomador do **trabalho voluntário** em nenhum momento transcendeu à pessoa da entidade contratante para despertar no prestador do trabalho voluntário qualquer **expectativa legítima** que não fosse a de prestar um trabalho **voluntário**, inteiramente **gratuito**, **benemerente**, de **relevante importância social**, de **prazo certo** e sem qualquer **subordinação jurídica**.

Por mais que a conduta do tomador se revestisse de certo poder de ingerência nas atividades do prestador, o trabalhador voluntário não poderia, **validamente**, supor que estivesse sendo contratado **como empregado**.

Também contradizem o fato próprio aquelas ações trabalhistas em que **ministros religiosos** e outros **professores de fé** recorrem ao judiciário pretender transmutar o vínculo de fé em de emprego, e, com isso, embolsar vultosas quantias à custa das igrejas a que pertenceram e das quais se afastaram pelo esmorecimento da fé ou por questões internas, quase sempre de foro íntimo. Para o direito, **igrejas são pessoas jurídicas de direito privado**[7]. Vistas em si mesmas, são **comunidades morais** sem fins lucrativos, estruturadas sobre normas de conduta religiosa de **origem divina**, que supõem regular a relação entre os homens e Deus[8]. A natureza jurídica da atividade religiosa é de **estado eclesiástico**.

O vínculo que liga o ministro religioso e sua congregação é de **ordem moral e espiritual**. Se a atividade desenvolvida pelo religioso for essencialmente espiritual, desenvolvida dentro ou fora da congregação, mas sempre imbuídas do **espírito de fé**[9], a regulação desse trabalho se faz sob os olhos do **direito canônico**, e não dos do direito do trabalho porque essa atividade decorre do **espírito de seita** ou de **voto**, e não de **subordinação jurídica**. Esse vínculo dirige-se à **assistência espiritual e moral** para a **divulgação da fé**. Não pode ser apreçado, ainda que o religioso receba com habitualidade certos valores mensais. Tais valores destinam-se à sua **assistência** e **subsistência** e, também, para livrá-lo das inquietações mortais para que melhor possa se dedicar à sua **profissão de fé**. Não têm a **natureza retributiva** e **sinalagmática** do salário, em sentido estrito. O **trabalhador laico**, que não tem **vínculo**

**moral** com a congregação, como, por exemplo, o sacristão, o zelador, o carpinteiro, os faxineiros, organistas, o decorador, os campanários etc, e que não presta serviços em caráter **devotionis causa**, pode celebrar contrato de trabalho com a igreja se satisfizer os pressupostos dos arts.2º e 3º da CLT. Sacerdotes, freiras, diáconos e ministros religiosos que, a par das suas funções evangélicas, prestem serviços em condições especiais como professores, enfermeiros, instrutores de educação física, de culinária, de encadernação e de ilustração, técnicos em informática, revisores e redatores, entre outras, poderão vir a ter seus vínculos de emprego reconhecidos se provarem que essas atividades não guardam qualquer relação com a religiosa[10]. Configura óbvia quebra da **confiança legítima** da igreja a ação trabalhista em que o religioso, deslembrodo-se dos votos de fé, pede o reconhecimento jurídico do vínculo de emprego. Ao professar o voto o religioso, sabe, desde o início, que se liga à sua **comunidade moral** por um vínculo de fé, e não de emprego. A igreja, quando o aceita entre os seus, não se comporta de modo a despertar na confiança desse membro a impressão de que está sendo aceito como empregado, ainda que dentre as suas funções correlatas à de professar a fé sejam incluídos a divulgação e o comércio de assinaturas de revistas, anúncios de publicidade e venda de porta em porta de revistas e outros artigos religiosos.

José Geraldo da Fonseca[11]

[1] Disciplinado pela L.nº 9.608, de 18/2/98.

[2] L.nº 9.608/98, art.1º.

[3] L.nº 9.608/98, art.3º.

[4] CLT,arts.442 e 443.

[5] CLT,arts.

[6] L.nº 9.608/98, art.2º.

[7] CC/2002,art.44,IV.

[8] BARROS, Alice Monteiro de. **Curso de Direito do Trabalho**. Ed. RT, São Paulo, 2ª ed., 2006, p.438.

[9] Ibid. pp.441.

[10] GALANTINO, Luísa. **Diritto del Lavoro**. Torino: Giappichelli Editore, 2000, p.14.

[11] Juiz do Trabalho, membro efetivo da 7ª Turma do TRT/RJ.

<https://www.diritto.it/trabalho-voluntariopiedoso-e-religioso-e-venire-contra-factum-proprium/>